

Democracia: desafios para a Universidade e para a Museologia (à guisa de apresentação)

Clovis Carvalho Britto¹

DOI 10.26512/museologia.v8i16.27336

213

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Continuam, os profissionais de museus, falando apenas de si mesmos e para si mesmos? Que reconhecimento têm eles da sociedade? No universo de trabalhadores, como nos situamos e agimos? E, sobretudo, entre o discurso libertário e a prática viciada pela ausência de uma tradição democrática, que distância existe? Na atual conjuntura, lastros de autoritarismo permanecem, tentando impedir a extroversão de um museu que seja, internamente, uma gestão democrática, dentro de organismos culturais que os abarquem também democraticamente e, sobretudo, tolhendo ou dificultando uma ação transformadora no meio social. É preciso manter a lucidez e a coragem dos heréticos, daqueles que são capazes de duvidar das atitudes tidas e louvadas como naturais; capazes de pôr em xeque opinião e aparência; capazes de assumir posições menos ortodoxas, porque a vida, que deveria estar nos museus, não é necessariamente cartesiana, nem ortodoxa. *Waldisa Rússio Camargo Guarneri (In: Bruno, 2010: 201)*

A epígrafe explicita questionamentos da museóloga Waldisa Rússio, realizados em 1989, sobre a função dos museus e a ação política de seus agentes em um período em que grande parte das práticas museológicas e de ensino da Museologia se sustentava em discursos conservadores e, por vezes, antidemocráticos. Hoje, exatamente trinta anos depois, essas perguntas ainda continuam apropriadas para traduzir o lugar dos museus e do ensino dos processos museológicos em um mundo marcado pela polarização de posicionamentos políticos, por intolerâncias diversas e pela crescente precarização dos direitos sociais. Alguns dos aspectos supostamente consolidados da jovem democracia brasileira e latino-americana novamente estão sob ameaça.

Na década de 1970, quando os países latino-americanos estavam sob a égide dos regimes ditatoriais, o campo da Museologia, impactado pela crítica dos movimentos sociais, movimentos de contracultura e por diferentes discursos de descolonização, apresentou como resposta as reflexões da Mesa Redonda de Santiago sobre o papel social dos museus. Uma das propostas contemplava a criação de uma Associação Latino-Americana de Museologia visando à articulação de diferentes iniciativas que evidenciavam a integralidade do patrimônio e a potência política de múltiplas experiências museológicas.

No contexto brasileiro, o campo dos museus e da Museologia recebeu profundas transformações a partir do processo de redemocratização, especialmente em virtude dos impactos das discussões sobre a diversidade cultural, o poder da memória e os direitos e as liberdades fundamentais inscritos na Constituição Federal de 1988. Temáticas como o reconhecimento dos saberes das populações tradicionais; o tombamento de bens até então não-consagrados

¹ Doutor em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias e em Sociologia pela Universidade de Brasília. Professor no curso de Museologia da Universidade de Brasília e no Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia. E-mail: clovisbritto@unb.br

Democracia:
desafios para a Universidade e para a Museologia (à guisa de apresentação)

e o registro do patrimônio imaterial; e os debates sobre novos direitos sociais e políticos; contribuíram para a ampliação dos estudos das interseccionalidades a partir de gênero, geração, classe, raça, sexualidade e região. A partir dessas transformações, pautadas no exercício da diferença, houve um movimento coletivo e de alcance internacional impactando a discussão sobre processos museais populares e comunitários.

Em sequência, tentou-se delinear os contornos epistêmicos dessas experiências que contribuíram para que o Brasil se tornasse um dos principais laboratórios de articulação entre museus e movimentos sociais, fator que propiciou itinerários significativos que resultaram, por exemplo, na instituição da Política Nacional de Museus, na criação de cursos de Museologia nas cinco regiões do país e na eclosão de diferentes pontos e redes de memória e Museologia Social.

Se por um lado essas experiências impactaram o ensino e a pesquisa contemporânea, em outra perspectiva também são profundamente impactadas por uma nova dinâmica de governabilidade, de reformas políticas e de transformações na agenda das políticas culturais em âmbito nacional e internacional. Entre deslocamentos simbólicos e fluxos migratórios, evidencia-se uma crise na democracia representativa com fortes consequências na política da memória, caracterizada por fenômenos transnacionais de opressão, pelo crescimento de grupos ultraconservadores e pelas tentativas de enfraquecimento dos espaços de expressão da diferença. Essas transformações impactam efetivamente o campo da Museologia e a atuação dos profissionais dos museus:

A museologia dispõe dos instrumentos privilegiados para refletir e analisar os problemas da globalização e das transformações sociais, ao mesmo tempo que essa reflexão constitui a sua proposta de ação. O mundo dos museus, considerando aqui o museu como a figura organizacional que institucionaliza os processos museológicos dispõe, através da abordagem das problemáticas da condição humana, do desenvolvimento, da paz e dos direitos humanos um campo de intervenção que lhe acrescenta função social. Num mundo globalizado, transcalar² a ação dos museólogos é cada vez mais a figura do construtor de questões que facilitem os compromissos. O museólogo como mediador, ao assumir as heranças da comunidade como objeto do seu trabalho não pode deixar de ser um construtor de futuros. Um projeto museológico na globalização com base na herança dos Direitos Humanos pode constituir-se como um diálogo entre cidadãos em função do desenvolvimento da comunidade. Os museus configuram-se como as organizações onde estes processos ocorrem, independentemente dos nomes com que sejam nomeados, constituindo redes transcalares criadoras de solidariedades e potenciadoras de uma cultura de paz onde a museologia se assume como uma ferramenta na mediação dos conflitos que emergem das relações dos homens com o mundo onde vivem. (Leite, 2011: 13-14)

Especificamente no âmbito dos museus surgem debates em torno da repatriação de coleções, de questões éticas sobre os “objetos sensíveis” museografados, das políticas de musealização do efêmero, da cibermuseologia; da representação de minorias nem sempre numéricas e das múltiplas formas de

2 Segundo o autor consiste em anglicismo relativo à localização entre lugares ou pertencimento simultâneo a diferentes escalas.

censura nos espaços de memória. Em meio a essas tensões, nas últimas décadas surgiram estratégias de enfrentamento realizadas no campo epistêmico da Museologia e do Patrimônio, nas interfaces com as temáticas dos direitos humanos, do ensino e da ética profissional. Essas experiências evidenciam alternativas de resistência e de reafirmação dos valores democráticos, tornando-se exemplares na reconfiguração de memórias silenciadas e de subjetividades reprimidas (Cf. Langfield, Logan & Craith, 2011).

Algumas das respostas a esses desafios podem ser encontradas na própria história da Museologia, reconhecendo as estratégias de profissionais que, no passado, ousaram lutar em prol da democratização da política da memória e contra as diversas formas de preconceito. Outras reflexões resultaram dos diálogos promovidos no IV Seminário Brasileiro de Museologia (SEBRAMUS), realizado de 29 de julho a 1.º de agosto de 2019 na Universidade de Brasília, cuja temática consistiu em oportuno convite para que professores, pesquisadores e grupos de interesse refletissem sobre os desafios da área em um contexto de profundas transformações sociais, políticas e epistêmicas.

Evidentemente a realização do seminário em Brasília se transformou em ato fortemente emblemático na medida em que, na capital do país, se decidem questões fundamentais para o futuro da democracia e que, por sua vez, reverberam nos diálogos, nas tensões e nos sentidos atribuídos ao mundo dos museus. Não menos significativo é ter sido sediado na Universidade de Brasília, instituição que protagonizou alguns dos principais movimentos de resistência e de luta em defesa dos ideais democráticos no Brasil.

O SEBRAMUS, em cada edição, se consolida como um amplo espaço de debates no intuito de compreender em que medida a produção científica tem acompanhado as transformações das últimas décadas e os compromissos assumidos em defesa da democratização do conhecimento museológico. Isso é importante no momento em que surgem iniciativas visando analisar as heranças e os paradigmas da produção do pensamento museológico e suas interfaces com as diversas áreas do saber. As reflexões do seminário evidenciaram os compromissos éticos, os dilemas contemporâneos e as diferentes propostas teóricas e metodológicas que ganham força no campo da Museologia, reconhecendo os processos museológicos como espaços de poder que produzem modelos disciplinadores e práticas, poéticas e políticas libertárias.

O título deste dossiê foi extraído do tema do IV SEBRAMUS - Democracia: desafios para a Universidade e para a Museologia - e reúne sete artigos resultantes de algumas das conferências e das mesas temáticas apresentadas durante o evento. O dossiê é um painel representativo de como as questões de Waldisa Rússio Camargo Guarnieri destacadas na epígrafe desta apresentação continuam atuais e, ao mesmo tempo, da necessidade de observarmos algumas de suas conclusões:

Nós não somos e não podemos nos permitir ser neutros, nem inocentes. O status de cidadania científica das áreas em que trabalhamos não impede o exercício da nossa própria cidadania. Num país de tão grandes desigualdades e injustiças, não nos é permitido imaginar uma atitude natural para profissionais e para os museus. A Museologia contemporânea, como teoria e como prática, como ciência e profissão, está carregada de ética. Nem logocêntricos nem etnocêntricos, os museus e os seus profissionais (assim como as escolas que os formam) não terão condições de sobrevivência en-

O artigo de abertura deste dossiê se intitula “Democracia e Direitos Humanos: desafios para a Museologia e os museus” e foi elaborado pela pesquisadora Kátia Regina Felipini Neves, Doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), de Lisboa, e Diretora de Ações Museológicas do Núcleo de Preservação da Memória Política, de São Paulo. Em uma perspectiva ensaística, a autora parte de reflexões sobre a democracia elaboradas por Norberto Bobbio e dos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos para evidenciar o papel da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no delineamento de diretrizes sobre a preservação do patrimônio com vistas à educação e na produção de documentos e propostas de novos paradigmas para a Museologia. A partir de um mapeamento dos primeiros museus e memoriais comprometidos em desvelar as arbitrariedades cometidas contra os direitos humanos e da criação do Comitê de Museus Memoriais em Lembrança às Vítimas de Crimes Públicos, no âmbito do Conselho Internacional de Museus, sublinha alguns dos desafios a serem enfrentados pelos museus, ao assumirem como missão a temática dos direitos humanos, e pelas Universidades, especialmente ao reconhecer a fundamental importância desse tema na formação e na produção de epistemologias em Museologia.

Seguindo essas provocações, os três artigos subsequentes do dossiê enfocam a formação em Museologia no Brasil tendo como fio condutor os desafios e as conquistas da democracia. Inaugura este bloco o texto “Formação em Museologia no Brasil e conquistas democráticas: a politização dos alunos do Curso de Museus na transição das décadas de 1960 e 1970”, do professor Dr. Ivan Coelho de Sá, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Em uma perspectiva sócio-histórica evidencia as transformações internacionais e nacionais provocadas pela contracultura e, no caso brasileiro, pela Ditadura Civil Militar, e o modo como impactaram o antigo Curso de Museus, do Museu Histórico Nacional. A análise de documentos variados propiciou um estudo pouco usual na Museologia brasileira que contempla aspectos da trajetória do Diretório Acadêmico de Museologia, a politização dos alunos e alunas e o modo como a legislação imposta pela recém instalada Ditadura Civil Militar impactou o Curso de Museus. Para tanto, evidencia uma crise suscitada entre o diretor do curso, Léo Fonseca e Silva, e o Diretório Acadêmico, em 1968, que resultou na expulsão das alunas Sonia Rosadas Thème e Janet Chermont Guimarães, acusadas de subversão. Nesses termos, o texto contribui para a compreensão do lugar da Museologia no campo político, por meio da representação estudantil, e às tensões entre momentos reacionários e democráticos, iluminando exemplos de resistência.

A metodologia utilizada para a elaboração do artigo se baseou na análise de uma série de recortes de jornais organizados pela Prof.^a Dulce Ludolf e integrantes do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (UNIRIO). Segundo Philippe Artières, nós possuímos uma espécie de pulsão por arquivar nossas vidas e essas práticas de “arquivamento do eu” carregariam uma intenção biográfica: “o caráter normativo e o processo de objetivação e de sujeição que poderiam aparecer no princípio, cedem na verdade o lugar a um movimento de subjetivação” (1998: 11), se tornando uma operação de construção de si mesmo e de resistência.

Questões que se destacam nos artigos baseados em narrativas de intenção autobiográfica elaborados por professoras cuja atuação se confunde com parte da história da Museologia no Brasil. Desse modo, evidenciamos como a autobiografia se transforma em heterobiografia, tornando-se um mecanismo analítico e metodológico significativo e evidenciando àquilo que Antônio Cândido (1995) sublinhou em seu emblemático prefácio para *Raízes do Brasil*:

A certa altura da vida, vai ficando possível dar balanço no passado sem cair em autocomplacência, pois o nosso testemunho se torna registro da experiência de muitos, de todos que, pertencendo ao que se denomina uma geração, julgam-se a princípio diferentes uns dos outros e vão, aos poucos, ficando tão iguais, que acabam desaparecendo como indivíduos para se dissolverem nas características gerais da sua época. Então, registrar o passado não é falar de si; é falar dos que participaram de uma certa ordem de interesses e de visões de mundo, no momento particular do tempo que se deseja evocar (Cândido, 1995: 9).

Essa é a tônica dos artigos “Formação em Museologia e as conquistas da sociedade democrática: o curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia” da professora Dra. Maria Célia T. Moura Santos, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), e “Um ponto de vista e a identificação de perspectivas desafiantes” da professora Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno, da Universidade de São Paulo (USP). Ambos realizam um balanço da trajetória do ensino de Museologia a partir de uma espécie de memorial ou de pontos de vista privilegiados, resultando em depoimentos fundamentais para a história do campo museológico no país. Consistem em abordagens marcadamente autobiográficas e metanarrativas que demonstram movimentos singulares de pensar museologicamente a Museologia a partir das experiências singulares de formação (ensino, pesquisa, extensão e gestão) em Salvador e em São Paulo. Para tanto, descortinam realidades, utopias e embates no intuito de fornecer subsídios para o enfrentamento dos desafios atuais, na compreensão do papel da Museologia e de seus profissionais nos enquadramentos democráticos. Nesse aspecto, creio que é conveniente ressaltar que o exercício retrospectivo e prospectivo apresentado nos textos, além de evidenciar momentos significativos da experiência da formação em Museologia no Brasil também consiste em uma forma de “arquivar a própria vida” (Artières, 1998) e de visualização de aspectos centrais do pensamento museológico contemporâneo no Brasil.

O último bloco de artigos que compõe o dossiê privilegia os desafios contemporâneos em torno dos processos museológicos na tentativa de implementação de experiências compartilhadas e socialmente construídas. Nas interfaces entre as temáticas Museologia, Memória e Direitos Humanos, os trabalhos resumem práticas que denotam como a Museologia, em suas diversas perspectivas teórico-metodológicas, pode se transformar em espaço de resistência e mobilização social, em conhecimento privilegiado para a extroversão de “memórias exiladas” (políticas, afroreligiosas e periféricas) e para a “patrimonialização das diferenças”. (Cf. Bruno, 2005; Abreu, 2012)

O texto que inaugura este último bloco se intitula “Museos para crear consciencia, museos para los derechos humanos: El Museo de la Memoria (MUME) en Uruguay a través de su propuesta museográfica y sus repercusiones”, de autoria da pesquisadora uruguaia Dr.^a Ana Maria Sosa González, pro-

fessora visitante da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O artigo, escrito em espanhol, analisa as interfaces entre museus e direitos humanos a partir do estudo da musealização das memórias das ditaduras e das resistências nos países sul-americanos. Investiga, para tanto, o *Museo de la Memoria* (MUME) do Uruguai através de sua proposta museográfica e repercussões. Nesses termos, o texto contribui para a compreensão do lugar dos museus no campo político e das tensões entre momentos reacionários e democráticos, iluminando exemplos de resistência. Explicita as impressões dos gestores e do público investigando táticas, soluções e dificuldades das políticas públicas de memória em torno de episódios ocorridos durante a ditadura uruguaia. Do mesmo modo, reflete sobre as propostas museológicas relacionadas com outras memórias dolorosas e sensíveis, demonstrando como a Museologia e os museus podem se transformar em instrumento de conscientização, de valorização dos direitos humanos e de difusão de compromissos ético-políticos.

O artigo “Coleção Mário de Andrade no Museu Afrodigital – Estação Pernambuco: um estudo sobre repatriação digital de acervos”, de autoria do pesquisador Charles Douglas Martins da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), exemplifica outra perspectiva de extroversão de “memórias exiladas”. A partir da digitalização e restituição digital de artefatos afroreligiosos apreendidos em Pernambuco na década de 1930, e hoje integrantes da Coleção Mário de Andrade no Centro Cultural São Paulo, evidencia as tensões em torno da restituição de acervos, de novas possibilidades sobre a função do museu virtual e de um alargamento da noção de repatriação permitindo acessar informações que possibilitam enfrentar os “silêncios da história”. Ações como essa facultam a tessitura de metodologias que contribuem para olhares pós-coloniais e decoloniais sobre os museus e as coleções, suscitando novos desafios sobre a acessibilidade, a valorização da memória afro-brasileira e o compartilhamento da informação no campo da cibermuseologia por meio da articulação de várias plataformas digitais.

“Luta, resistência e conquista’: a extensão universitária no Ponto de Memória da Estrutural, Distrito Federal”, de autoria de Silmara Kuster de Paula Carvalho, doutoranda em Museologia pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Lisboa, e professora da Universidade de Brasília (UnB), encerra este dossiê com a articulação entre a extensão universitária e as ações museológicas. O artigo problematiza métodos, limites e possibilidades no campo da Museologia Social tendo como interfaces a trajetória do Ponto de Memória da Estrutural, a extensão universitária ali realizada pelo Curso de Museologia da Universidade de Brasília e os desafios no delineamento de uma conservação participativa. O texto representa um conjunto de ações no campo da memória e da Museologia Social que delineiam novas epistemologias a partir da extroversão de memórias de personagens historicamente relegadas à margem espacial e social. Articula, desse modo, ações comunitárias e formação em Museologia em contextos de vulnerabilidade social, oportunizando repensar o papel da extensão e a finalidade dos procedimentos museológicos-curatoriais com vistas à valorização de diferentes conhecimentos, à melhoria das condições sociais e ao respeito à diferença.

Os textos aqui reunidos traduzem um momento fecundo para a problematização do presente e do futuro da democracia. A própria história dos museus e do colecionismo, como fruto do empreendimento colonialista, reveste-se de temática oportuna para refletirmos sobre a geopolítica do conhecimento. (Cf. Varine, 1979; Simpson, 1996). Se atualmente existem retrocessos em rela-

ção às conquistas democráticas efetuadas nas últimas décadas, também existem resistências e utopias oriundas de diversas práticas culturais. (Leite, 2017). Sem dúvida surgem desafios para a Universidade, para a Museologia e para os museus: Quais os compromissos da Museologia na atual conjuntura política? Que alterações têm ocasionado na ação do museólogo e da museóloga? Em que medida as transformações na esfera pública evidenciam perspectivas de compreensão de nosso objeto do conhecimento? Quais as novas demandas por musealização, acessibilidade, educação museal e representatividade? Em que medida as profissionais e os profissionais do campo da Museologia têm contribuído ou desestimulado estratégias de integração, reflexões sobre a pluralidade da representação e os debates sobre a ampliação/restricção dos espaços democráticos?

Certamente este dossiê provocará diversas outras questões significativas para traçarmos itinerários para uma Museologia e para uma Universidade cada vez mais democráticas. A disponibilidade das autoras e autores, das pareceristas e dos pareceristas, da equipe da Revista *Museologia & Interdisciplinaridade* e daqueles que contribuíram para a realização do IV Seminário Brasileiro de Museologia, é um sopro de esperança que revigora e reafirma o desafio lançado por Waldisa Rússio Camargo Guarnieri há trinta anos: “É preciso manter a lucidez e a coragem dos heréticos.” (In: Bruno, 2010: 201)

Referências

- ABREU, Regina. Patrimônio: ampliação do conceito e processos de patrimonialização. In: CURY, Marília Xavier; VANSCONCELLOS, Camilo de Mello; ORTIZ, Joana (Orgs.). *Questões indígenas e museus: debates e possibilidades*. São Paulo: MAE-USP; Secretaria de Estado da Cultura-SP, 2012.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 21, 1998.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira (Org.). *Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, Secretaria de Estado da Cultura, Comitê Brasileiro do ICOM, 2010.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Arqueologia e Antropofagia: A musealização de sítios arqueológicos. *Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional*, n.º 31, p. 234-247, 2005.
- CANDIDO, Antônio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LANGFIELD, Michele; LOGAN, William; CRAITH, Nic. *Cultural Diversity, Heritage and Human Rights*. London/New York: Routledge, 2011.
- LEITE, Pedro Pereira. *Museologia Social e Dignidade Humana: estudos sobre a diversidade cultural e o desenvolvimento sustentável*. Lisboa: Marca d'água, 2017.
- LEITE, Pedro Pereira. Museologia, Desenvolvimento e Direitos Humanos: campos emergentes da investigação-ação na globalização. *Anais do VI Encontro de Museus Países e Comunidades de Língua Portuguesa*. Lisboa, ICOM Portugal, setembro de 2011.
- SIMPSON, Moira. *Making Representations – Museums in the Post-Colonial Era*. London: Routledge, 1996.
- VARINE, Hugues de. Entrevista. In: ROJAS, Roberto; Crespán, José Luís; Trallero, Manuel (Orgs.). *Os museus no mundo*. Rio de Janeiro: Salvat Editora do Brasil, 1979.

Recebido em 01 de agosto de 2019

Aprovado em 30 de setembro de 2019